

Indicadores comportamentais de cuidado: parâmetros referenciais para um pacto social de cuidado

Vilmar Dal Bó¹

Resumo: Na Carta Encíclica *Laudato Si'*, sobre o Cuidado da Casa Comum, o Papa Francisco afirma que uma ciência que pretenda oferecer soluções para os grandes problemas da humanidade deveria, necessariamente, ter em conta tudo o que o conhecimento gerou nas diversas áreas do saber, incluindo a Filosofia e a Ética Social (LS 110). O pontífice avança na proposta de um método de estudo e pesquisa que privilegie o diálogo como forma de encontro (EG 239), ou seja, na adoção de um estatuto epistemológico de pesquisa que coloque em diálogo as diferentes áreas do saber, favorecendo a transdisciplinaridade do conhecimento. À luz deste referenciamento metodológico, e de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e de natureza qualitativa, que converge para o *modelo do poliedro* (confluência de saberes mantendo sua originalidade (EG 236), emerge o objeto de estudo da presente pesquisa: a definição de indicadores comportamentais de cuidado fundamentados a partir da filosofia do cuidado. Uma pesquisa transdisciplinar que coloca em diálogo a primariedade ontológica do cuidado, na filosofia de Martin Heidegger, e a ética do cuidado, no pensamento das filósofas italianas Luigia Mortari e Elena Pulcini.

Palavras-chave: Filosofia, Diálogo, Cuidado, Indicadores.

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em fundamentar um conjunto de indicadores comportamentais de cuidado elaborado a partir de um estatuto epistemológico transdisciplinar que coloca em diálogo diferentes áreas do conhecimento humano, tais como a Filosofia, a Ética Social, a Teologia e as Ciências Humanas. Uma proposta metodológica de diálogo entre as ciências naturais e as ciências empíricas, com o intuito de superar um olhar fragmentado sobre os saberes que tende a perder o sentido da totalidade da realidade e se converter em isolamento e absolutização de um determinado saber.

Dentro deste desafio, situa-se a proposta de reconhecer verdadeiros horizontes éticos de referência capazes de contrapor as raízes mais profundas dos desequilíbrios atuais (crises) e apontar indicadores sociais de cuidado com a finalidade de repensar e reformular atitudes e paradigmas de ação que provocam degradações ambiental e social.

Contudo, indicadores são, por essência, informações que permitem descrever, mensurar, classificar, ordenar, quantificar, e, quando necessário, comparar aspectos de uma determinada realidade. Quando orientados à fenomenologia do cuidado, indicam métricas de

1 Doutor (2023) e Mestre (2014) em Ciências Econômicas e Políticas, pelo Instituto Universitário Sophia, Incisa Val D'Arno, Florença, Itália. Bacharel em Teologia (2011), FACASC, Florianópolis. Engenheiro de Produção (2005), UNISUL. Secretário Parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. vilmardalbo@gmail.com

referência para o desenvolvimento de uma cultura capaz de suscitar maior acolhimento público e uma ética propícia à convivência social.

Metodologicamente, o trabalho está estruturado em quatro tópicos: (1) *Estatuto epistemológico: o diálogo como confluência de saberes*; (2) *A filosofia do cuidado*; (3) *Cuidado e desafios hodiernos*; e (4) *Indicadores de cuidado*.

A referente estrutura corresponde a uma pesquisa bibliográfica exploratória de natureza qualitativa, cujo objeto de estudo é definir indicadores sociais de cuidado e sua aplicação concreta diante dos grandes desafios da sociedade pós-moderna.

1 ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO: O DIÁLOGO COMO CONFLUÊNCIA DE SABERES

No ano de 2015, o Papa Francisco publicou a Carta Encíclica *Laudato Si'* – Sobre o Cuidado da Casa Comum –, um documento que alerta para a preocupação socioeclesial à deterioração da qualidade de vida humana e aos efeitos da degradação social e ambiental. O documento eclesial, popularmente chamado de “Encíclica Verde”, ultrapassou os muros confessionais e ganhou atenção e respaldo da sociedade civil. Atendo-se à preocupação com a vida planetária e a adoção de um modelo de desenvolvimento sustentável, integral e solidário – *ecologia social* –, a carta encíclica reafirma a importância para um paradigma de ação em que o diálogo é assumido como método para a reconciliação dos saberes e a superação dos conflitos. Em suma, uma abordagem que alarga a percepção e a compreensão das realidades impostas. Afirmo o Papa Francisco:

A fragmentação do saber realiza a sua função no momento de se obter aplicações concretas, mas frequentemente leva a perder o sentido da totalidade, das relações que existem entre as coisas, do horizonte alargado: um sentido, que se torna irrelevante. Isto impede de individuar caminhos adequados para resolver os problemas mais complexos do mundo atual, sobretudo os do meio ambiente e dos pobres, que não se podem enfrentar a partir de uma única perspectiva nem de um único tipo de interesses. Uma ciência, que pretenda oferecer soluções para os grandes problemas, deveria necessariamente ter em conta tudo o que o conhecimento gerou nas outras áreas do saber, incluindo a filosofia e a ética social. Mas este é atualmente um procedimento difícil de seguir (LS 110).

Nesta ótica, o diálogo é compreendido como um método exploratório capaz de confrontar diferentes perspectivas sobre o objeto em estudo. “O diálogo é, antes de tudo, um método humano” (PETRINI, 2021, p.32). Uma abordagem que olha para as tensões entre os dois polos de um acidente “não como algo em que uma tensão anula a outra, mas como algo que é superado em um nível mais alto” (PETRINI, 2021, p.32). Não se trata, com isso, de achatar as diferenças e potencializar os conflitos, tampouco ignorá-los ou dissimulá-los, ao contrário:

de reconhecê-los, assumi-los, resolvê-los e transformá-los em “elos de ligação de um novo processo” (EG, 227) em perspectiva de um bem maior. Ou seja, significa empreender esforços em direção a um paradigma relacional capaz de transformar espaços de desintegração, desordem e conflito em espaços de integração, concórdia e cooperação.

O diálogo como método, portanto, ativa um processo de reconciliação entre os saberes ao passo de selar uma espécie de um “pacto cultural” (EG 230) que faz surgir uma “diversidade reconciliada” (EG 230). Um momento dialógico que alarga os horizontes sobre determinadas realidades e/ou objetos e favorece uma visão conjuntural em que “o todo é mais do que a parte” (EG 235).

Quando o diálogo é empregado como método para busca da construção de consensos e acordos, tem-se por resultado um pacto social transdisciplinar que faz da cooperação e da “integração um novo fator de progresso” (EG 210).

Diante do desafio de ampliar perspectivas e dar fundamentos sólidos aos diagnósticos e planos de trabalho que se propõe fornecer soluções para os grandes desafios da sociedade pós-moderna se revela um procedimento “difícil de seguir” (LS 110), como aquele de considerar a multiplicidade de contribuições interdisciplinares que fomentam uma hermenêutica profunda sobre a realidade.

Antonio Maria Baggio, filósofo italiano, ressalta a necessidade de um sólido estatuto epistemológico de Ética Social para encontrar as normas objetivas da moralidade humana que regulam não somente a vida individual, mas também a social e comunitária (BAGGIO,2005, p.24). Para Baggio, as ciências positivas, especialmente as Ciências Sociais, devem se colocar em diálogo com as ciências funcionais e técnicas para projetar aspectos éticos da vida sem descuidar-se dos aspectos técnicos dos problemas, para julgá-los com critérios morais (BAGGIO,2005, pp.24-25). A esta perspectiva, soma-se a confluência de saberes, como sugere o Papa Francisco, incluindo a contribuição da Filosofia e da Ética Social, para apontar princípios permanentes de reflexão, valores fundamentais, critérios de juízo e diretrizes de ações para um verdadeiro bem que incorpore a todos.

Contudo, o diálogo como confluência de saberes é a proposta de um itinerário de pesquisa e ação que, à luz da reta razão, assume uma perspectiva hermenêutica profunda e transdisciplinar que englobe o transcendente, o humano e suas relações sociopolítico-ambientais. Neste sentido, tudo está interligado e em diálogo! Cabe-nos, portanto, empreender esforços para fazer do diálogo um método propício para o encontro e para a superação dos conflitos.

2 A FILOSOFIA DO CUIDADO

Martin Heidegger (1889-1976) é, certamente, um dos expoentes mais relevantes do Existencialismo contemporâneo. Em 1927, escreveu a obra *Ser e Tempo*, considerada uma obra-manifesto da corrente existencialista. Nela, Heidegger revela o intuito de construir uma

ontologia que avance sobre a compreensão do *Ser* e ressalte o primado ontológico do Homem em relação a outros entes.

Na filosofia existencialista de Martin Heidegger, ressona a capacidade cognitiva do Homem de interrogar-se sobre seu próprio *modo-de-Ser*, e, com isso, descobrir-se como parte de um conjunto de possibilidades (*Ser-com*) que o revela em seu *modo-de-Ser* no mundo. Para Heidegger, a natureza humana é, antes de tudo, um ente capaz de interrogar-se, e, com isso, possui a possibilidade de entrar em diálogo. O diálogo, nesta perspectiva existencial, revela a condição utópica do Homem: capacidade de transcender, sair de si, entrar em relação, e descobrir-se e/ou reconhecer-se diante de realidades exteriores.

A existência como realidade relacional-dialogal permite ao ser humano um estado permanente de construção (espaço dialógico) que vai atuando e atualizando-se na História. Em termos construtivistas, um precioso projeto humano que não cessa de reconhecer a si mesmo em maneira autêntica, e, inclusive, de desnudar-se em suas debilidades, fragilidades e limites que revelam as feridas da realidade de existir.

Visto no seu concreto e cotidiano existir, o ser humano é, para Heidegger, um *Ser-no-mundo*, que assume a forma de cuidado para realizar o seu projeto de existência. Para melhor entender esta concepção – que correlaciona abertura, relação, diálogo e debilidades que estruturam o *Ser-com* (o humano) –, recorreremos à antiga fábula de Higino sobre o cuidado, abordada por Heidegger, na obra *Ser e Tempo*:

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo, pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: “Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa “terra fértil” (HEIDEGGER, 2023, p. 266).

Para Heidegger, o cuidado é uma constituição ontológica que deve ser entendida na linha da essência humana, ou seja, de uma maneira do próprio *Ser* de estruturar-se e dar-se a conhecer. Um fenômeno ontológico-existencial-básico subjacente a tudo o que o ser humano empreende, projeta e cria. É a base possibilitadora da existência humana!

Na obra *Ser e Tempo*, mais especificamente no capítulo que aborda *o cuidado como o ser da presença*, Heidegger define o cuidado como uma constituição ontológica que entra na definição essencial do ser humano e estrutura a sua prática (HEIDEGGER, 2023, p. 246-303). O cuidado é, portanto, o fundamento para qualquer interpretação sobre o ser humano. Sem a dimensão do cuidado, o humano deixa de ser humano: dá-se o processo de desumanização.

A natureza do cuidado, portanto, revela um *modo-de-Ser* e de estar presente no mundo. Sendo que o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa, e tudo o que ele faça, sempre estará presente a realidade do cuidado. O cuidado está presente em tudo!

Seguindo a linha interpretativa de Martin Heidegger, o cuidado é algo irrenunciável à natureza humana e está enraizado em sua essência. Faz parte de seu modo de estar no mundo: *modo-de-Ser-cuidado*. Contudo, desconsiderar a dimensão do cuidado, ignorá-lo ou limitá-lo, é, conseqüentemente, um modo de fragilizar a existência humana e suas humanas relações. Por isso, há a necessidade de descrever uma fenomenologia do cuidado que possibilite clarificar como o cuidado torna-se um fenômeno à consciência humana, e revela-se em nossa experiência, moldando a nossa prática. É quando conseguimos, nesse sentido, definirmos juízos de valores e critérios de ações que nos permitam agir em perspectiva do cuidado e em consonância com a natureza humana, a fim de atingirmos uma ética do cuidado.

Refiro-me, neste ponto, à importância de compreendermos como o cuidado se dá a conhecer, para além da dimensão ontológica, desdobrando-se em um conjunto de ações que favoreçam a convivência social e protejam o modo de ser singular do homem e da mulher diante de algumas realidades hodiernas que causam desintegração, deterioração e degradação das relações sociais e ambientais. Trago em evidência a necessidade de colocar em diálogo as ciências naturais (Filosofia, Teologia) com os dados que provêm das Ciências Sociais, para apontar caminhos e propor soluções aos problemas que afetam a vida e a dignidade do ser humano. Soluções que nem mesmo o mais alto paradigma tecnocrático, a nanotecnologia e inteligência artificial conseguem oferecer, tais como: a insegurança, o medo, a depressão, a violência, a vulnerabilidade social entre outros.

A filosofia do cuidado, no entanto, requer uma fenomenologia do cuidado que evidencie o *modo-de-Ser-cuidado*. E isso quer dizer a adoção de um modelo racional, compreensível e inteligível à consciência humana que permita descrever formalmente em gestos, práticas e métricas como o cuidado torna-se perceptível no ordinário da vida. Heidegger atribui um duplo sentido ao cuidado: *cuidado como procura* (a capacidade do ser humano de refletir e se identificar como um Ser de cuidado) e *cuidado como dedicação* (a capacidade do ser humano agir em perspectiva do cuidado) (HEIDEGGER, 1975, p. 317).

Ao passo que reconhecemos o *modo-de-Ser-cuidado* como característica singular do ser humano, é preciso avançar na compreensão de que o cuidado está presente em tudo o que ele projeta e faz, e de que o cuidado é um dos fundamentos que estrutura um modelo social favorável à convivência humana e ao acolhimento público. Por tal, a concepção do cuidado deve influir na esfera pública, mais especificamente em processos decisórios, como na elaboração, na implantação e na avaliação de políticas públicas, e, ainda, na concepção de modelos desenvolvimentistas com o intuito de evitar o risco de se formularem e se edificarem diagnósticos de gabinetes, mais formais do que reais, concebidos de costas ao cuidado, e, consequentemente, de costas para o humano.

Contudo, não nos parece uma opção progressista pretender resolver os problemas que afetam a humanidade desconsiderando a centralidade e o valor supremo da pessoa humana em todas as fases de sua existência. Em linhas heideggerianas, não é opção progressista pretender resolver os problemas que afetam a humanidade desconsiderando a dimensão do cuidado. O cuidado é o fundamento para qualquer interpretação do ser humano e de tudo o que dele decorre, por isso, o cuidado nos provoca a refletir a totalidade das pessoas em uma sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos.

Diante da proposta de fornecer bases sólidas para uma compreensão mais profunda sobre o *Ser*, resulta a filosofia do cuidado de Martin Heidegger. Nela, o filósofo reconhece o modelo relacional de abertura que identifica o *Ser-com*, e, consequentemente, as fragilidades e as vulnerabilidades que dele decorrem. Ao sair de Si, e abrir-se ao Outro, o ente torna-se vulnerável e dependente de outra realidade externa e distinta da sua. A fragilidade e as vulnerabilidades próprias do *Ser-em-relação* são comunicadas à condição humana. Assim, o cuidado é, portanto, comunicação recíproca de realidades distintas que constituem o *modo-de-Ser-cuidado* do ente.

Leonardo Boff – na obra *Saber Cuidar* – compreende que a condição relacional do *Ser* é nutrida por trocas relacionais de desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato e preocupação (BOFF, 2021, p. 103). Algo que identifica a essência humana, e que, quando compreendida pela reta razão, desdobra-se em um paradigma de ação, que não pode ser contrário àquilo que é o Homem em sua realidade primária (ontológica), impossível totalmente de ser desvirtuada. “Colocar cuidado em tudo que projeta e faz, eis a característica singular do ser humano” (BOFF, 2021, p. 41). O ser humano é um *Ser* de cuidado, o cuidado é algo mais que um ato e uma atitude entre outras, situa-se no âmbito de uma resposta consciente que identifica a base possibilitadora da própria existência.

Portanto, o Homem é ordenado para o cuidado, porém, quando perde o sentido do cuidado, ou o cuidado lhe é suprimido no convívio social, instaura-se uma crise existencial e social que tende a caminhar para a depredação dos vínculos morais, sociais e patrimoniais. Instauram-se, então, processos de desumanização que são difíceis de retroceder.

3 CUIDADO E DESAFIOS HODIERNOS

Segundo a filosofia do cuidado, especificamente aquela arraigada no pensamento de Martin Heidegger, o cuidado deve ser compreendido num sentido originário – noutras palavras, ontológico. O cuidado revela o modo de um ente estruturar-se no mundo. Ou seja, de se reconhecer no mundo como um *Ser-de-cuidado*, e se oferece ao mundo em forma de cuidado. O cuidado é, em linhas sintéticas, presença aberta e acolhedora que nutre vínculos interpessoais de reconhecimento do outro e/ou de realidades externas. Ao afirmar que o cuidado é uma constituição ontológica que entra na definição essencial do ser humano e estrutura a sua prática, Heidegger sinaliza para uma concepção de vínculos de fecundidade que nutrem a existência. Em termos de categoria ética, como aquela de especificidade comunitária, assemelha-se à proposta de reconhecer o outro, reconhecer-se no outro, e buscar o seu bem.

Diante da complexa realidade contemporânea, “com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é a tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada” (EG 2), fazendo surgir uma “globalização da indiferença” (EG 54) – realidade que exprime as debilidades e vulnerabilidades intrínsecas a um processo relacional de exploração e opressão.

A humanidade vive uma transformação histórica, que podemos constatar nos progressos que se verificam em vários campos do saber: nas inovações tecnológicas que se aplicam em diversos âmbitos da vida, na biomedicina, na comunicação, e, agora, na messiânica Inteligência Artificial. “Fonte de novas formas de um poder muitas vezes anônimo” (EG 52). Contudo, mesmo diante de tamanhos saltos qualitativos que o progresso científico oferece, não é o bastante para conter “o medo e o desespero que se apoderam do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos países ricos” (EG 52). Cresce a falta de respeito e a intolerância, a violência, o medo, a desigualdade social, os movimentos migratórios forçados, a toxicod dependência, entre outros. Aumentam-se, assim, as doenças inflamatórias e psíquicas. Nos grandes centros urbanos, as farmácias se multiplicam, enquanto livrarias e praças públicas são esvaziadas. As cidades e bairros são planejados mais para proteger e isolar do que para aproximar e integrar (EG 75). Empresas de vigilância privadas, câmeras de segurança, sensores de presença, portarias 24 horas, grades de ferro, muros e cercas elétricas encarceram as pessoas dentro de suas propriedades, dando-lhes uma falsa sensação de proteção. Porém, o medo lhes segue aferroando!

A confiança e a convivência comunitária, elementos constitutivos para a realização do projeto existencial humano, segundo sua própria estrutura ontológica, cedem espaços para a desconfiança e para uma mentalidade individualista, indiferente e egoísta. Vínculos de presença e cuidado são transformados em um estilo de vida em que prevalece a consciência isolada, o subjetivismo relativista e o consumismo desenfreado. Realidades hodiernas que afetam a vida e a dignidade das pessoas, e nem mesmo a mais alta tecnologia e um modelo econômico centrado na especulação financeira, evasões fiscais e a exacerbação do consumo são capazes de conter.

Estas realidades revelam uma profunda crise antropológica que se sustenta na negação da primazia do ser humano. Em âmbito de antropologia filosófica, está a negação da realidade originária, dimensão fontal (ontológica) que identifica a natureza humana. Ou seja, uma cosmovisão de interpretação do ser humano que reduz a Pessoa para apenas uma de suas necessidades.

Quando o ser humano é reduzido apenas a uma de suas necessidades – *sexo, consumo, prazer, trabalho* –, corre-se o risco de criar desequilíbrios sociais, e, com isso, funestas consequências, muitas vezes, difíceis de retroceder. Por isso, é preciso ressaltar a ideia de que muitas das crises que afetam o mundo atual não se resolvem à luz de um paradigma exclusivamente tecnocrático: tecnologia 5G, aumento de banda larga, sinal de *wi-fi*, telemóveis entre outros. Estamos, possivelmente, diante de uma crise que resulta da recusa da transcendência, da rejeição da ética, de um aumento progressivo do relativismo, e na insistência de refutar a existência de normas morais objetivas válidas para todos. Na cultura dominante, ocupar o primeiro lugar àquilo que é “exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório” (EG 62). A dimensão do cuidado e a atividade de cuidar são consideradas contraproducentes e demasiadamente humanas, e, por conseguinte, fora das categorias de mercado. Quando a sociedade perde o sentido da dimensão do cuidado e o valor supremo da atividade de cuidar, tudo o que lhe resta são os atos de consumir, degradar, deteriorar, depredar. Dado o momento em que a pessoa não se reconhece como um *Ser-de-cuidado*, que necessita de cuidado, e que comunica cuidado, ela corre o risco de conviver e comunicar a ausência de cuidado: um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos interpessoais e impede o reconhecimento do outro. Aflora, então, uma crise existencial sucedida de uma crise social.

Segundo Leonardo Boff, “o cuidado é o fundamento para qualquer interpretação do ser humano. Se não nos basearmos no cuidado, não lograremos compreender o ser humano” (BOFF, 2021, p. 101). Em consonância com o pensamento de Boff, podemos concluir que o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum estão enraizados na dimensão do cuidado com um princípio *ontológico-social* favorável ao desenvolvimento integral de todos.

O cuidado como fundamento da existência humana, quando mensurado e descrito em métricas concretas, pode contribuir para construção de um pacto social de cuidado e transmitir convicções ético-filosóficas possíveis de se traduzir em ações políticas concretas.

4 INDICADORES DE CUIDADO

A partir da filosofia do cuidado de Martin Heidegger, as filósofas italianas contemporâneas Elena Pulcini (falecida no ano de 2020, vítima da Pandemia da COVID-19) e Luigina Mortari (professora da Universidade de Verona) dedicaram-se a analisar o fenômeno do cuidado, em vista de compreendê-lo em suas qualidades essenciais e propor uma teoria descritiva do cuidado que possa contribuir para a elaboração e aplicação de um pacto social e

cultural de cuidado que faça da integração um fator de progresso – principalmente para que os lentos, fracos ou menos dotados possam também singrar na vida.

A teoria do cuidado, quando fundamentada sobre um conteúdo transcultural de saberes, permite a construção de uma verdadeira paz social que plasma a base para a defesa dos interesses da sociedade nas suas mais diversas formas.

Tanto para Elena Pulcini como para Luigina Mortari, desenvolver uma teoria descritiva do cuidado na pós-modernidade, capaz de dar respostas aos grandes desafios da sociedade hodierna e planificar atitudes renovadas em gestos e ações concretas, é preciso levar em consideração a essencialidade ontológica do cuidado: modo de ser responsável pela existência da condição humana. As filósofas, no entanto, retomam a centralidade do pensamento heideggeriano para reafirmar as razões ontológicas do cuidado e a consistência relacional do *Ser*: abertura e necessidade do outro, vulnerabilidade e fragilidade, características que identificam o ser humano e estruturam a convivência social.

Para delinear uma teoria do cuidado transcultural, com normas objetivas e um conjunto de valores aceitos universalmente, é preciso considerar a pluralidade dos saberes e insistir em uma fenomenologia do cuidado que faça surgir uma “diversidade reconciliada” (EG 230). Isto é, empenhar-se para ultrapassar a superfície conflitual e considerar os outros na sua dignidade mais profunda. Para isso, é fundamental, ressaltar a dimensão *ontológica-social* nos diagnósticos que pretendem oferecer soluções para os grandes problemas que afligem a humanidade.

Segundo Luigina Mortari, dois são os grandes desafios para fundamentar uma teoria descritiva do cuidado na pós-modernidade: “trazer novamente ao centro do debate filosófico a questão do bem” (MORTARI, 2018, p.119); e de que o cuidado, “na sua essência, é ético, pois é constituído pela procura daquilo que é bem, ou seja, daquilo que torna possível dar forma a uma vida boa” (MORTARI, 2018, p.134). Com isso, Mortari reforça a ideia de que uma teoria descritiva do cuidado necessita, antes de tudo, de um núcleo ético. O núcleo ético do cuidado aflora na raiz do senso de responsabilidade, “sentir-se responsável pelo outro” (MORTARI, 2018, p.135-136), “prestar atenção na debilidade do outro” (MORTARI, 2018, p.142), “ver no outro uma debilidade maior do que a que sentimos em nós; ver no seu ser uma necessidade em relação à qual nos sentimos em condição de fazer alguma coisa” (MORTARI, 2018, p.142). Uma ética balizada no “encontro com o rosto do outro” (EG 88) e no “serviço da reconciliação com a carne do outro” (EG 88). Entretanto, para alcançarmos o núcleo ético do cuidado, é preciso abrir-nos e mover-nos em direção à realidade do outro, e isso significa desprender-se de si mesmo e de uma cultura de bem-estar anestésica que nos torna incapazes de nos compadecermos ao ouvir os clamores alheios. A ética do cuidado é uma ética que reivindica carne e rosto. Apresenta-se como o fundamento sólido para um novo paradigma de referimento aos modelos desenvolvimentistas. Afirma Luigina Mortari:

“Todavia, se cada um pudesse contar, de maneira extensiva e duradoura, como um tecido de relações que se deixam orientar pelo prin-

cípio do cuidado, a qualidade de vida seria diversa e, certamente, melhor, seja na esfera privada, seja na esfera pública” (MORTARI, 2018, p.129).

Conclui Mortari: “É essa a razão que faz do cuidado algo irrenunciável” (MORTARI, 2018, p.129). E, conseqüentemente, fundamental para a convivência social.

No mesmo horizonte, a professora de Filosofia Social da Universidade de Florença, na Itália, Elena Pulcini dedicou-se a teorizar a essência do cuidado considerando a fragilidade e a vulnerabilidade que caracterizam a existência. Viu a preocupação de descrever a ética do cuidado desvinculando-a de uma compreensão estritamente privada e íntima, como aquela atribuída a uma ética feminina, materna, ou aplicada aos serviços assistencialistas. E, ainda, a passagem do âmbito *ontológico-moral* dos círculos mais íntimos para o realismo da dimensão social. Soma-se a ideia de que a realidade é mais importante do que a ideia ou que “a ideia acabe por separar-se da realidade” (EG 75). Para Pulcini, a ideia de cuidado e suas elaborações conceituais (filosófica, moral, social) estão a serviço da captação, compreensão e condução da realidade. Escreve:

O cuidado em outros termos não é somente um princípio moral, mas é também, de fato, trabalho, empenho capilar e concreto que implica para além do envolvimento emotivo dos sujeitos, requer a capacidade de envolver-se na multiplicidade das situações em que se encontra o agir; obter efeitos e alcançar objetivos (PULCINI, p.1340).

Deste modo, o cuidado empenha a realidade pelo raciocínio. A teoria do cuidado não pode ser concebida em retóricas ou sofismas correndo o risco de ocultar a realidade em projetos mais formais do que reais. A submissão da política à tecnologia e às finanças, em detrimento das pessoas e do cuidado, pode desembocar num estilo de vida, de produção e de consumo com vícios autodestrutivos difíceis de retroceder. A teoria do cuidado, contudo, é fundamental para nos proteger e proteger a comunidade global das vulnerabilidades próprias de um *modo-de-Ser-relacional*.

Luigina Mortari, com o intuito de concretizar a essência do cuidado, define alguns indicadores comportamentais de cuidado que atestam responsabilidade, o colocar em ato ações concretas em favor do outro ou de uma realidade externa. São eles: *prestar atenção, escutar, estar presente com a palavra, compreender, sentir com o outro, ser presente em uma proximidade distante, delicadeza e firmeza*. Vejamos como ela descreve esses indicadores.

Prestar atenção: “Prestar atenção significa ter consideração pelo outro” (MORTARI, 2018, p. 212). Manter o olhar atento ao real e fiel às coisas. Significa entrar na vida diária dos outros e/ou realidades sem desconfigurá-las. É ir ao encontro, encurtar distâncias e aproximar-se. Requer abdicar momentaneamente do próprio tempo e dos próprios propósitos para compreender uma realidade diversa e distinta. Porém, não se trata de uma atenção científica que visa penetrar a realidade, mas uma atenção que acolhe o dado que vem da evidência.

Prestar atenção é uma “intensa concentração sobre o outro” (MORTARI, 2018, p. 211). Ou seja, uma atitude racional que se contrapõe a um estilo de vida centrado na consciência isolada, no individualismo que beira ao egoísmo, no subjetivismo que leva ao relativismo, e, como consequência, faz emergir a crise do compromisso comunitário. Investir em audiências públicas, em modelos de gestão e governança participativa, colegiados e grupos de trabalhos plurais aumenta a percepção global da realidade. Contudo, tanto na esfera pública como na privada prestar atenção significa um deslocamento dos interesses de si mesmo em direção ao outro.

Escutar: “A escuta se torna ação de cuidado quando é capaz de restituir ao outro a consideração por aquilo que ele está dizendo” (MORTARI, 2018, p. 218). Em um estilo de vida marcado pelo ativismo, pela preocupação em ocupar espaços de poder e autoafirmação, onde tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, em que o poderoso engole o mais fraco, escutar requer passividade: “a capacidade de fazer-se como um vaso vazio que dá espaço ao que o outro quer comunicar de si” (MORTARI, 2018, p. 218). Esse escutar passivo é, fundamentalmente, um calar, dar lugar em nossa mente e em nossos projetos ao outro, ao que o outro tem para contribuir. Em uma sociedade programada para o barulho, em que todos buscam seu “lugar de fala”, para ocupar espaço e se autoafirmar, muitas vezes liberando o “Narciso interior”, a busca pelo “lugar de escuta” favorece a capacidade do diálogo e qualifica o modo de debater e confrontar as ideias. Facilita os consensos e edifica pontes. Investir em ouvidorias e em processos avaliativos é fazer “ressoar dentro de si o dizer do outro” (MORTARI, 2018, p. 220).

Estar presente com a palavra: “É nas palavras que se faz presente a essência da experiência” (MORTARI, 2018, p. 220). A palavra é uma forma de comunicar a sinceridade e a franqueza. O poder da linguagem pode fecundar ou esterilizar o outro e seus projetos. A palavra, contudo, deve fecundar, elevar a autoestima, motivar, “gerar vida nova”. A comunicação e o poder da palavra tantas vezes utilizada para denegrir, amedrontar, caluniar e desinformar (*fake news*) deve regressar para o sentido da amabilidade, que é uma libertação da crueldade. A amabilidade pressupõe estima e respeito. Manifesta-se no trato interpessoal e nas relações sociais para não magoar com as palavras ou os gestos, e, ainda, na tentativa de aliviar o peso dos outros. Estar presente com a palavra é adotar políticas de recursos humanos e desenvolvimento de pessoas que reconfortam, consolam, fortalecem e estimulam. A palavra jamais deve ser empregada para humilhar, desprezar e denegrir.

Compreender: “Compreender é conhecer aquilo o que o outro precisa para realizar as possibilidades de seu existir” (MORTARI, 2018, p. 224). É colocar-se em contato com o centro de sua realidade existencial. Para compreender as necessidades do outro, é preciso superar as “resistências interiores” (EG 91), e isso quer dizer aprender a alegrar-se e a sofrer com o outro a partir de suas reivindicações. Compreender requer, portanto, tolerância e sensibilidade. Reconhecer o outro e buscar o seu bem! A compreensão requer também o gozo da razão para sistematizar os critérios para uma autêntica ordem social. Significa investir em uma profunda humildade social que convida a razão a alargar as suas perspectivas.

Sentir com o outro: “Sentir é ter sensibilidade com o outro” (MORTARI, 2018, p. 228). Empatia, reciprocidade, compaixão. É dar espaço para o surgimento de uma “cultura do encontro” (EG 221) e um projeto comum que se abra em perspectiva de um *nós*. Sentir com o outro significa estar juntos, ser povo, comunidade. Avançar na construção de uma cultura que harmoniza todas as diferenças e resulte em uma verdadeira paz social. É se inserir em um projeto comum que vai além dos benefícios e desejos pessoais, e supere a indiferença relativista. Situa-se no insistir em uma ética comunitária que permite criar um equilíbrio e uma ordem social mais humana. A globalização da indiferença e a crise do compromisso comunitário, que é também a crise de uma sociedade que perde o sentido do cuidado, “não chora mais à vista do drama dos outros” (EG 54), e nem se interessa por cuidar deles, como se tudo fosse responsabilidade de outrem. Reconhecer o próximo e caminhar ao lado dele é não permitir que nos roubem o sentido de comunidade. É acreditar que vale apenas insistir naquilo que é público e comunitário, e, assim, fazer valer a tutela do bem comum.

Ser presente em uma proximidade distante: “Trata-se de encontrar o modo de estar em contato, de ser presente, sem invadir o espaço do outro, sem ocupar o seu próprio campo vital” (MORTARI, 2018, p. 246). A relação de presença não pode jamais ser na ordem de dependência e domínio ao ponto de limitar a liberdade do outro e implicar na perda de possibilidades de desenvolvimento do próprio modo de ser. Aplica-se a este indicador o sentido do princípio de subsidiariedade que dá “liberdade para o desenvolvimento das capacidades presentes a todos os níveis, mas simultaneamente exige mais responsabilidade pelo bem comum a quem tem mais poder” (LS 196). A proximidade discreta, por sua vez, é aquela que dá todo o suporte possível ao outro sem reduzir o espaço de seu movimento. Neste sistema, a autonomia do outro é respeitada favorecendo uma educação que ensine a pensar criticamente, contrapondo relações abusivas de poder e imposições de domínio que sufocam e esterilizam o outro. O cuidado está intrinsecamente ligado à liberdade do outro: a capacidade de assumir autonomamente a responsabilidade por si mesmo.

Delicadeza e firmeza: O cuidado requer “dizer não às exigências do outro quando necessário” (MORTARI, 2018, p. 252). E isso quer dizer tomar decisões difíceis e, também, exercitar a virtude da paciência. Exige domínio emocional para não se perder na realidade do outro, e, conseqüentemente, suportar as longas esperas dos processos de curas e tomadas de consciência sem “perder a paz por causa do joio” (EG 24). O exercício de cuidar e de tornar o cuidado um sinal visível requer investir em lideranças que se conduzam pela filosofia do cuidado. Ou seja, capazes de gerir equilibradamente o vínculo com o outro evitando dependências e gestos que manipulam e desiludam.

Estes indicadores comportamentais de cuidado tornam evidentes as práticas movidas pela intenção de buscar benefício ao outro. Uma vigorosa mudança de atitudes que faz reflorescer uma ética propícia ao ser humano, e, mais do que isso, um conjunto de atitudes, fundamentado em princípios sólidos, passíveis de se traduzir em ações políticas e aumentar o acolhimento público em contraposição à frieza de uma porta fechada que não se importa à vista do drama dos outros. Isto é, a banalização da indiferença que enrijece o *modo-de-Ser-cuidado*.

CONCLUSÃO

A filosofia do cuidado descreve o cuidado como um *modo-de-Ser* essencial que é a base possibilitadora da existência humana. O cuidado é o fundamento para qualquer interpretação do ser humano. Portanto, propor uma teoria descritiva do cuidado que pretenda concretizar a sua essência significa definir indicadores comportamentais de cuidado que tornam evidente uma realidade ontológico-existencial.

Uma vez que o cuidado é um modo de compreender o ser humano e, consequentemente, de nutrir e conservar a natureza de sua existência, os indicadores de cuidado definem algumas posturas do *Ser-com* que são estratificadas em comportamentos sociais que tornam evidentes a prática do cuidado.

Os indicadores de cuidado, movidos pela prática de buscar o bem, revelam ações concretas a favor do outro e/ou de uma realidade externa. A partir do pensamento heideggeriano, da preocupação de uma ética do cuidado universal, como aquela de Elena Pulcini, a filósofa Luigina Mortari elabora alguns indicadores comportamentais de cuidado que podem contribuir para um pacto de desenvolvimento centrado na cultura do cuidado. São eles: *prestar atenção, escutar, estar presente com a palavra, compreender, sentir com o outro, ser presente em uma proximidade distante, delicadeza e firmeza*. Ações concretas que, quando empregadas ao ordinário da vida, permitem a elaboração e celebração de um pacto de cuidado que se concretiza na proposta do desenvolvimento integral de todos.

REFERÊNCIAS

- BAGGIO, Antônio Maria. *Lavoro e doutrina sociale Cristiana: Dalle origini al Novecento*. Roma: Città Nuova, 2005.
- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013.
- FRANCISCO, Papa. Carta encíclica *Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2023.
- MORTARI, Luigina. *Filosofia do Cuidado*. São Paulo: Paulus, 2018.
- PETRINI, Carlo. *Terrafutura: Diálogos com o Papa Francisco sobre ecologia integral*. São Paulo: Senac, 2022.
- PULCINI, Elena. *Cura di se cura dell'altro*. Thaumázain, v.1: Verona. 2013.